

SOBRE O SENTIMENTO DE IMPOTÊNCIA

Erich **FROMM**

O caráter burguês apresenta um dilema peculiar. De um lado, ele tem uma postura muito ativa, orientada para a configuração e transformação conscientes do meio ambiente. O homem burguês, mais do que o homem de qualquer período histórico anterior, tentou organizar a vida em sociedade de acordo com princípios racionais, transformá-la no sentido da maior felicidade para o maior número de pessoas, e fazer o indivíduo participar ativamente desta transformação. Ao mesmo tempo, ele dominou a natureza em uma medida que até então jamais foi conhecida. Suas conquistas e invenções tecnológicas tornam mais próximas a realização de todos os sonhos, que a dominação do homem sobre a natureza e seu poder jamais tinham imaginado. Ele criou uma riqueza até então inimaginável, que pela primeira vez na história abriu a possibilidade de satisfazer as necessidades materiais de todas as pessoas. Como nunca antes, o homem tornou-se o senhor do mundo material.

Por outro lado, no entanto, o homem burguês apresenta um traço de caráter diretamente oposto. Ele produz um mundo

em que as coisas são as mais grandiosas e maravilhosas; mas as suas próprias criaturas lhes são estranhas e ameaçadoras; elas são produzidas, mas o homem não se sente mais como o senhor delas, mas como seu servo. Todo o mundo material se torna o monstro de uma gigantesca máquina que dita a direção e o ritmo da vida humana. A partir do trabalho de suas mãos, decerto com o intuito de servi-lo e torná-lo feliz, surge um mundo estranho ao homem, ao qual ele obedece de modo submisso e impotente. Quando está diante do aparato social e político, ele tem esta mesma postura impotente. Talvez o futuro historiador irá considerar ainda mais enigmático do que nós contemporâneos o fato de que as massas não fizeram tudo o que era possível com uma energia desesperada para evitar a catástrofe, mas, por meio dos armamentos e da educação militar, permitiram silenciosamente a preparação desta catástrofe – e até mesmo a apoiaram, ainda que pouco a pouco quase toda criança já soubesse que se estava diante de guerras que trariam consigo o mais horrível sofrimento, inclusive para o vencedor. O historiador levantará ainda a questão de como explicar que, mesmo diante das enormes possibilidades alcançadas pelo desenvolvimento industrial para a felicidade e segurança das pessoas, a grande maioria aceitou que nada aconteceu e se conformou com o fato de que o vai e vem das crises e dos curtos e avulsos períodos de prosperidade sejam esperados da maneira mais aleatória e inevitável, como se aguardasse o funcionamento do imprevisível poder do destino.

Este estudo tem como objeto um lado da divisão do caráter burguês aqui indicado: o sentimento de impotência. Até

agora, isso sempre foi deixado de lado na descrição e análise do caráter burguês. Um importante motivo para isso é claro: o sentimento de impotência é, para o burguês – em oposição a determinados tipos de religiosos –, essencialmente não-consciente e dificilmente pode ser observado de modo puro por métodos psicológico-descritivos. Por isso, parece-nos um caminho viável para avançar no entendimento do fenômeno sociopsicológico aqui visado partirmos de uma observação tal como a psicanálise do indivíduo a permite. Decerto, este entendimento permanece sujeito às pesquisas sociopsicológicas que investigam o que há de comum no sentimento aqui retratado. Mas o primeiro passo neste caminho é o de mostrar o mecanismo psíquico na base de sua estrutura, seus condicionamentos e seus efeitos no comportamento dos indivíduos.

Encontramos os casos extremos do sentimento de impotência apenas nas personalidades neuróticas; mas os primeiros sinais do mesmo sentimento podem, sem dificuldades, ser descobertos também em pessoas saudáveis de nosso tempo. Os casos neuróticos de maior clareza servem para a descrição deste sentimento e de seus fenômenos decorrentes, e, no que se segue, é a eles que vamos nos referir na maior parte das vezes. O sentimento de impotência existe em neuróticos de modo tão regular e representa uma parte tão central na sua estrutura de personalidade que seria possível dizer, entre muitas coisas, que a neurose é praticamente definida pelo sentimento de impotência. Em cada neurose, seja a neurose de sintoma ou a neurose de caráter, o que está em questão é uma pessoa que não é capaz de exercer determinadas funções, que não

consegue fazer aquilo que deveria conseguir, e essa incapacidade é acompanhada por uma profunda convicção de sua própria fraqueza e falta de poder – seja esta convicção consciente, ou uma “convicção inconsciente”.

Nos casos neuróticos, o conteúdo do sentimento de impotência pode ser descrito mais ou menos da seguinte maneira: eu não consigo influenciar nada, mobilizar nada, não consigo realizar nada por meio da minha vontade – seja uma mudança no mundo exterior ou em mim mesmo –, eu não sou levado a sério e eu passo despercebido pelos outros. O seguinte sonho de uma analisanda ilustra bem o sentimento de impotência.

Ela havia tomado algo em uma farmácia e pagou com uma nota de dez dólares. Depois que ela terminou de tomar, pediu o troco para o atendente. Ele a respondeu que já tinha devolvido há algum tempo, e que ela deveria apenas procurar direito em sua bolsa e, então, encontraria. Ela revirou todas as suas coisas e, obviamente, não encontrou o troco. O atendente respondeu friamente, em um tom de superioridade, que não era da conta dele se ela perdeu o dinheiro, e que ele não podia mais se preocupar com isso. Com muita raiva, ela correu para a rua para chamar a polícia. Ela encontrou primeiro uma policial, a quem ela contou a história. A policial foi até a farmácia e negociou com o atendente. Quando ela voltou, disse com um riso de superioridade à sonhadora que era óbvio que ela tinha recebido o dinheiro: “só procure direito que você irá encontrar”. A raiva aumentou e ela correu até outro policial, para pedir que ele interviesse. Este nem se incomodou em ouvi-la e respondeu de maneira intransigente que ele não poderia se preocupar com essas coisas e que ela deveria se afastar. Finalmente, ela voltou à farmácia. Lá estava o atendente sentado em uma poltrona e a perguntou com um sorriso irônico se ela finalmente iria se acalmar. Ela ficou com uma raiva impotente.

Os objetos aos quais o sentimento de impotência se refere são multifacetados. Em primeiro e mais importante lugar, ele se refere a pessoas. Há a convicção de que não é possível de maneira nenhuma influenciar outras pessoas; não é possível controlá-las e nem conseguir que elas façam o que se quer. Com frequência, pessoas com tal caráter ficam muito espantadas quando ouvem que outra pessoa fale sobre elas de modo sério, ou mesmo quando outra se referiu a elas ou a uma opinião delas. Suas reais capacidades não tem nenhuma relação com isso. Um analisando, que goza de extraordinária reputação em sua área científica e que já foi várias vezes citado, ficava novamente surpreso a cada vez que era levado a sério e que alguém atribuía qualquer significado para o que dizia. Aliás, a longa experiência de que isso de fato ocorreu pouco muda essa postura. Tais pessoas também não acreditam que elas de algum modo possam ferir alguém, e, por isso, estão frequentemente prontas para externalizações agressivas em graus incomuns, e ficam totalmente surpresas com o fato de que outra pessoa ficou ofendida. Se esta surpresa for investigada, vem, então, à tona o motivo de sua profunda convicção de que ele jamais poderia ser levado a sério.

Essas pessoas não acreditam que de alguma maneira sejam capazes de fazer alguma coisa que alguém possa amar ou gostar. Elas também não fazem nenhum esforço para se expor, para se comportar de maneira ativa quando necessário, com o intuito de ganhar amor e simpatia dos outros. Como esta atitude obviamente falta, elas chegam à conclusão de que ninguém as ama, e não veem que há aqui uma ilusão de ótica.

Enquanto elas querem dizer que não encontram ninguém que as ame por conta de qualquer deficiência ou por conta de quaisquer circunstâncias infelizes, o que de fato está na raiz da situação da qual se queixam é a sua incapacidade de fazer qualquer esforço para ganhar o amor do outro. Já que elas não acreditam poder fazer qualquer coisa para se tornarem amadas, toda sua atenção se concentra nas qualidades uma vez nelas presentes, como se as tivessem recebido no nascimento. Elas ficam continuamente pensando se não seriam inteligentes, bonitas e boas o suficiente para atrair os outros. A pergunta soa sempre a mesma: “Eu sou esperto, bonito, etc., ou eu não sou?” Isso precisa ser descoberto, pois para elas não existe a possibilidade de se transformar e influenciar os outros ativamente. O resultado, então, é normalmente um profundo sentimento de inferioridade, de que elas não possuem nem mesmo as qualidades que são necessárias para encontrar amor e simpatia. Até onde se tratar do desejo de reconhecimento e de estima, não há outro jeito. Tais pessoas refletem obsessivamente sobre se elas seriam talentosas para serem admiradas por todos os outros. Mas seu sentimento de impotência impede que elas se esforcem para fazer, para trabalhar, para aprender, para produzir algo que os outros realmente reconheçam ou admirem. Normalmente, o resultado é um sentimento de si que oscila entre as grandes ideias e o sentimento de absoluta falta de valor.

Outra importante consequência do sentimento de impotência em relação às pessoas é a incapacidade de se defender de ataques. Isso pode referir-se a ataques corporais e a consequência é, então, um sentimento bastante claro de desamparo corporal,

em maior ou menor grau. Isso resulta com frequência no fato de que as pessoas não conseguem de maneira nenhuma fazer uso de sua força corporal disponível em situações de perigo, de que elas ficam paralisadas e não conseguem pensar que são capazes de resistir. Na prática, muito mais importante do que a incapacidade de se defender contra uma ameaça corporal é a incapacidade de defesa contra todos os outros tipos de ataques. Nesses casos, observa-se que as pessoas simplesmente aceitam todas as críticas direcionadas contra elas, justificadas ou não, e são incapazes de levantar contra-argumentos. Às vezes, elas sabem que a crítica é injustificada, mas não conseguem expressar nada para se defender. Em casos extremos, o desamparo vai tão longe que elas também não são mais capazes de sentir que foram injustificadamente criticadas, e toda crítica ou toda acusação é internamente aceita como válida. A mesma incapacidade de defesa se refere frequentemente também a todas as formas de insulto e humilhação. Aqui o comportamento também oscila entre uma incapacidade de responder a um respectivo insulto e um dócil aceite, convicto que o outro tem direito e motivo para humilhá-las. Muitas vezes, acontece que a injustiça de uma acusação ou o desaforo de um insulto vem à consciência somente horas ou dias depois. Só então ocorre a tais pessoas todos os argumentos que elas poderiam ter usado para refutar a acusação, ou todas as grosserias que elas poderiam ter expressado contra os insultos. Elas visualizam a situação repetidamente, fantasiam em todos os detalhes aquilo que deveriam ter feito, ficam com raiva – às vezes mais dos outros, às vezes mais de si mesmas – para que na próxima oportunidade reajam a um

ataque exatamente da mesma maneira paralisada e desamparada.

O sentimento de impotência se depara com coisas assim como, de modo aparente, se depara com pessoas. Isso leva ao fato de que as pessoas se sintam completamente desamparadas em toda situação que não lhes é corriqueira. Pode se tratar de que elas se sintam incapazes de encontrar seu caminho sozinhas em uma cidade desconhecida; ou que em uma pane do carro sejam incapazes de tentar checar onde o problema pode estar; ou que em uma caminhada em que elas precisem pular um pequeno córrego se sintam totalmente paralisadas em fazê-lo; ou que se sintam incapazes de fazer sua cama ou de cozinhar algo para si quando a situação pede. Um comportamento que é especialmente qualificado como pouco prático ou desajeitado frequentemente diz respeito ao sentimento de impotência. Nós supomos que, não raro, o sentimento de impotência também está na raiz do sentimento de vertigem nas alturas.

O sentimento de impotência também se expressa na relação com a própria pessoa. Aqui, talvez, se encontrem as mais importantes consequências para o indivíduo. Uma forma aparente do sentimento de impotência neste nível é o desamparo diante das pulsões e angústias que operam nele próprio. Falta-lhe completamente a crença de que é possível tentar controlar também suas pulsões ou angústias. O mote é sempre o mesmo: “Eu sou assim mesmo, e eu não posso fazer nada para mudar”. Tudo parece impossível de mudar. Essas pessoas podem passar a vida se lastimando e reclamando de como é horrível o seu sofrimento por conta deste ou daquele traço que lhes é próprio; elas também podem conscientemente

mostrar-se extremamente prontas para mudar a si mesmas, mas uma observação mais próxima torna claro que elas, por este mesmo motivo, apenas se apegam de modo cada vez mais obstinado à convicção de que não podem mudar nada. Em alguns casos, a discrepância entre a convicção inconsciente e a organização compensatória consciente é muito grotesca. Se tais pessoas vão de um médico a outro, ou de uma doutrina religiosa ou filosófica para outra, se a cada semana elas fazem novos planos, como se pudessem mudar a si mesmas, ou se elas têm a expectativa de que todo relacionamento amoroso consume essa grande mudança – toda essa inquietação e todo esforço consciente são só o escudo por trás do qual elas se escondem no sentimento mais profundo de impotência.

Como já mencionado acima, elas não acreditam que podem impor seus desejos e que podem conseguir algo por si mesmas. Pessoas deste tipo esperam sempre por algo e estão profundamente convencidas de que não podem fazer nada para alterar resultados. Com muita frequência, este sentimento vai tão longe que elas desistem de desejar ou de querer qualquer coisa – tanto que elas sequer mais sabem o que elas de fato desejam. Normalmente, no lugar dos próprios desejos elas consideram o que os outros esperam delas. Por exemplo, suas decisões assumem uma forma de ruminar em pensamentos sobre o fato de que se der um passo, sua esposa ficará irritada, e, se der outro passo, seu pai ficará. No fim, elas se decidem pelo lado em que está a irritação que temem menos, mas não está de modo nenhum em questão o que elas prefeririam fazer. O resultado frequente é que tais pessoas têm, consciente ou

inconscientemente, o sentimento de ser violentadas pelos outros, ficam com raiva disso, no entanto não veem que elas, antes de tudo, se deixam ser violentadas.

O grau de consciência do sentimento de impotência não oscila menos do que a sua intensidade. Em muitos casos, ele é consciente por si mesmo. O que está em questão aqui são casos de neuroses graves, nas quais a capacidade de desempenho e o funcionamento social da pessoa estão tão restritos que as compulsões são liberadas para enganar o sentimento de sua impotência. A quantidade de sofrimento psíquico que é associada com a plena consciência do sentimento de impotência dificilmente pode ser superestimada. O sentimento de angústia profunda, de falta de sentido da própria vida, é regularmente colocado nesses casos. No entanto, nas neuroses graves se encontram também os mesmos efeitos do sentimento de impotência, sem que estes fossem conscientes por si mesmos. Requer-se normalmente um trabalho analítico mais demorado para trazer à tona o sentimento inconsciente de impotência e para associá-lo com os fenômenos dele decorrentes. Mas também lá onde este sentimento é consciente mostra-se com frequência na análise que ele é válido apenas para uma pequena parte de sua extensão. Na maioria das vezes, revela-se que a profunda angústia que acompanha o sentimento de impotência faz com que seja permitida para a consciência somente uma forma bastante atenuada deste sentimento.

Uma primeira tentativa de superar o que há de atormentador neste sentimento vai na direção das racionalizações, que devem justificar o sentimento de impotência. As racionalizações

mais importantes são as seguintes: a impotência é atribuída a privações corporais. Em tais casos, as pessoas persistem em ser corporalmente fracas, em não tolerar nenhum esforço, em ter este ou aquele defeito corporal, ou em estar sempre em sofrimento. Com isso, elas conseguem atribuir o sentimento de impotência, que na realidade tem raízes psíquicas, às privações corporais, que recebem o fardo, e que, por conta delas, nada poderia em princípio ser mudado. Outra forma de racionalização que justifica este sentimento é a convicção – formada mediante determinadas experiências de vida danificadas – de que elas tiveram toda sua atividade e toda a sua coragem roubadas. Determinadas vivências na infância, amores infelizes, uma ruína financeira, decepção com amigos são consideradas as causas para o próprio desamparo. Ainda, um falso entendimento simplista da teoria psicanalítica atenuou em muitos aspectos estas racionalizações. Para muitas pessoas existe o pretexto para crer que sua impotência se deve ao fato de que uma vez com três anos receberam palmadas de sua mãe, ou que com cinco anos foram zombadas pelo seu irmão mais velho. Uma outra forma de racionalização que justifica o sentimento de impotência se mostra muitas vezes como especialmente nefasta, a saber, a tendência de empilhar, na fantasia ou também na realidade, uma dificuldade em cima de outra, e, com isso, ter o sentimento de que a falta de perspectiva da situação real se torne compreensível quando sentir-se desamparado diante dela. O que ocorre aqui é, por exemplo, o seguinte: um servidor público tem de escrever um relatório e se sente desamparado diante desta tarefa. Enquanto está sentado em sua mesa de

trabalho e percebe o sentimento de sua fraqueza, ele se dá conta de que tem medo de perder seu emprego, de que sua mulher fique doente, que seu amigo fique com raiva, porque faz tempo que ele não o escreve, que esteja muito frio em seu quarto – até que, finalmente, em sua fantasia, ele juntou os ingredientes para produzir uma situação tão triste e tão sem perspectiva que o sentimento de impotência aparece como uma rendição bastante natural e adequada às grandes dificuldades. É ainda mais nefasto se a tendência de que a situação piore não se limite apenas à fantasia, mas se estenda também para o comportamento na realidade. A pessoa em questão irá, então, ficar inclinada a adoecer realmente, a provocar o seu chefe a ponto de que ele a dispense, a iniciar uma briga com sua esposa a ponto de criar um clima ruim na casa o dia todo – e quando conseguir tudo isso, ela sentirá totalmente justificável que sua impotência seja vista como fundamentada na insustentabilidade das relações com o mundo externo. Decerto, a tendência aqui retratada – de causar, na fantasia ou na realidade, sofrimento a si mesmo, de fazer de si mesmo fraco e infeliz – tem outras raízes. Para discutir isto em detalhes, isso nos levaria ao problema do masoquismo, em que nós não iremos entrar¹. A racionalização do próprio sentimento de impotência, no entanto, é certamente um dos fatores responsáveis pela tendência do aumento, em fantasia ou real, do próprio sofrimento.

Outro grupo de racionalizações entra em cena quando

¹ Ver nossa explicação na *psychologischen Teil* in: “Autorität und Familie, Studien aus dem Institut für Sozialforschung”, Librairie Felix Alcan, Paris 1936; além disso, Karen Horney em “*The Neurotic Personality of our Time*”, Norton & Co., Nova York 1937, que se ocupa deste problema em todas as suas ramificações.

o sentimento de impotência é menos consciente do que nos casos acima abordados. As racionalizações têm um caráter menos justificador e mais consolador, e servem para despertar a esperança de que a própria impotência seja apenas temporária. As duas formas mais importantes destas racionalizações consoladoras são a crença no milagre e a crença no tempo. A crença no milagre gira em torno da imaginação de que a sua própria impotência desapareça repentinamente por conta de um acontecimento externo qualquer e de que todos os desejos por sucesso, realizações, poder e felicidade sejam realizados. As formas que surgem nesta crença se expressam de maneira extremamente multifacetada. Frequentemente, tem-se a expectativa de que alguma transformação nas circunstâncias externas da vida trará a reviravolta, seja um novo relacionamento amoroso, a mudança para uma outra cidade ou outro apartamento, um novo terno, um novo ano ou mesmo apenas uma folha de papel em branco em que o trabalho possa fluir melhor. Em pessoas religiosas, a crença no milagre às vezes assume a forma de que Deus irá repentinamente interferir em seu destino. Uma outra forma da crença no milagre é que o destino será mudado por determinadas pessoas. Exemplo frequente disso (já citado aqui) são pessoas que vão de um médico para outro e toda vez têm a expectativa de que ele consumará o milagre. O que há de comum em todas essas ilusões consoladoras é sempre o fato de que a própria pessoa não precisa fazer nada para alcançar o sucesso desejado, e ela também não tem a capacidade de fazer nada para tal, mas é um poder externo, presente em outras pessoas ou constelações, que realiza instantaneamente

o desejado.

Uma forma específica desta crença no milagre é a substituição de influências causais por meio de ações mágicas, que permitem à consciência a ilusão de sua própria atividade. O conteúdo do gesto mágico pode ser bastante variado. Pode ser que se trate de dar uma esmola a um mendigo, fazer uma visita a uma tia idosa, cumprir seus deveres da maneira mais correta, ou contar três vezes até trinta antes do início do trabalho: a expectativa é sempre a mesma. Se eu faço isso ou aquilo, então tudo irá virar-se ao meu favor, de acordo com o meu desejo. Como em todas as ações mágicas, no lugar de uma interferência objetiva entra uma relação causal existente puramente nos pensamentos do sujeito. Frequentemente, não é de modo algum consciente para as pessoas em questão o fato de que elas põem em execução uma ação determinada no sentido de um gesto mágico, e, sobretudo nos neuróticos obsessivos, os gestos mágicos podem se tornar um cerimonial extremamente tormentoso. É precisamente na força deste sentimento de impotência e dos gestos mágicos como sua superação específica que está uma das características da neurose obsessiva.

Na crença no tempo falta o momento de instantaneidade da mudança. Em vez disso, persiste a expectativa de que tudo irá se resolver “com o tempo”. Dos conflitos aos quais a pessoa se sente incapaz de resolver por si própria é esperado que o tempo os resolva sem que ela tenha que assumir os riscos de uma decisão. Com especial frequência, esta crença no tempo encontra-se relacionada com o seu próprio desempenho. As pessoas se consolam não somente pelo fato de que elas não

podem fazer nada para consumir aquilo que elas querem, mas também pelo fato de que não precisam se preparar e que teriam ainda um longo tempo e não há razão para se apressar. Um exemplo para este mecanismo é o caso de um escritor bastante talentoso, que gostaria de escrever um livro que, em sua opinião, seria um dos mais importantes da literatura mundial – mas não faz nada mais do que enfileirar pensamentos sobre o que ele gostaria de escrever, gozar em fantasia da repercussão épica que seu livro teria e contar para seus amigos que ele está quase pronto. Na realidade, ele não tinha escrito sequer uma linha, embora ele já “trabalhe” no livro há sete anos. Quanto mais velhas tais pessoas ficam, tanto mais forçadamente elas têm que se apegar à ilusão daquilo que o tempo trará. Em muitos casos, atingir uma certa idade – normalmente em torno dos quarenta – leva ou a uma desilusão, a um abandono da ilusão e do esforço de mobilizar as próprias forças, ou a uma debilitação neurótica que se baseia no fato de que a vida é insuportável sem a ilusão reconfortante do tempo.

Se nas racionalizações consoladoras o que estiver em jogo for o fato de que o sentimento de impotência é vagamente consciente, mas seu espinho é suavizado pela esperança de que se pode superá-lo, então uma terceira reação vai ainda mais longe na repressão do sentimento de impotência. Aqui, ele é substituído por um comportamento de sobrecompensação e por racionalizações encobridoras. O caso mais frequente de tais sobrecompensações é o da atividade frenética [Geschäftigkeit]. Encontramos pessoas que recalcam um profundo sentimento de impotência, mas que são ativas e atarefadas, e até mesmo

em um grau em que elas aparecem para si mesmas e para os outros como o contrário de pessoas impotentes. Estas pessoas precisam sempre fazer algo. Se elas se sentem ameaçadas em sua posição, elas não se comportam, como descrevemos acima, acumulando dificuldades sobre dificuldades para provar a sua incapacidade de empreender algo; elas também não gozam em fantasia a respeito de um milagre que acontecerá, mas começam a andar de lá para cá, a empreender isto e aquilo e criar a impressão da mais intensa atividade de defesa em relação ao perigo. Ou, se elas têm de escrever um trabalho científico, elas não se sentam de modo sonhador em uma escrivaninha, mas emprestam dúzias de livros da biblioteca, conversam com todas as pessoas possíveis da área que possam ter alguma opinião importante, fazem viagens para estudar o problema dado e assim se protegem da introspecção de que elas se sintam impotentes de realizar o desempenho esperado. Outra forma da atividade aparente se expressa em coisas como o “fanatismo por clubes e associações”, na contínua preocupação com a vida de outras pessoas, ou também somente em jogos de cartas ou longas conversas de bar. Muitas vezes é bem difícil traçar um limite entre a atividade ilusória e a atividade efetiva. De maneira mais geral, é possível dizer que a atividade frenética se estende a coisas que são laterais e desimportantes para resolver o problema, e que ela não tem relação com traços fundamentais das tarefas a serem resolvidas. No caso do neurótico, a oposição entre atividade real e atividade frenética é muito mais fácil de reconhecer do que no caso das pessoas saudáveis, adaptadas à realidade. Aqui é normal que ele tenha tarefas

para resolver, cuja realização não mais é como determinada rotina e que não exija de modo algum uma atividade real. O homem médio da sociedade burguesa se vê diante de uma série de tarefas e problemas, para os quais é desde cedo treinado a resolver rotineiramente. E também, já que ninguém espera mais nada dele, a consciência de sua impotência de fato se torna tão atormentadora, a ponto de ele ter de encobri-la com uma escala extrema e ridícula de atividade frenética. O que aparece como atividade de acordo com o padrão de medida social pode ser entendida como atividade frenética se vista psicologicamente, e normalmente não é possível de modo algum entrar em acordo se um comportamento é atribuído a uma ou a outra categoria.

Uma formação de reação ainda mais radical contra o sentimento de impotência é o anseio por controle e comando em todas as situações. Em muitos casos, esse desejo permanece puramente limitado à fantasia. As pessoas se desfazem, então, em fantasias do quão melhor do que o líder atual elas conduziriam uma empresa ou uma universidade, ou elas se imaginam como ditadores de um Estado ou de toda humanidade e gozam nessa fantasia. Ou não se chega à formação destas elaboradas fantasias, mas as grandes ideias permanecem vagas e são pouco conscientes para estas pessoas em questão. Com frequência, encontra-se nestes casos conscientemente apenas a expectativa de ser superior a todas as pessoas com as quais se encontra, ou uma reação de fúria, já que esta expectativa é recalçada quando se depara com as pessoas em que sua superioridade não pode ser imposta. Também quando esta reação de fúria

é recalçada, então normalmente nada pode ser visto além de um certo constrangimento ou timidez em relação àqueles que podem reivindicar uma preferência. Indiferentemente se agora as grandes ideias estão em maior ou menor medida elaboradas e em maior ou menor medida conscientes, sua frequência e sua intensidade dificilmente podem ser estimadas, especialmente para os membros da classe média burguesa e particularmente nos intelectuais. Uma vez que as pessoas constantemente acordam de tais devaneios, elas preenchem sua função de compensar o sentimento de impotência existente apenas de forma muito defeituosa. Ocorre de outro modo quando o desejo de controle e poder não se limita apenas à fantasia, mas se expressa em relação com a realidade. Se há êxito em substituir em grande medida sua impotência de fato pelo seu poder de fato, então, com frequência, é produzido um equilíbrio que pode se manter por uma vida toda. O caso mais frequente deste tipo são os homens, encontrados sobretudo na pequena-burguesia europeia, que em sua existência social e econômica são totalmente impotentes, mas tem um intenso desejo de poder e controle sobre suas esposas, filhos e, talvez, o cachorro, e são capazes também de realizar e satisfazer tal desejo. Em casos neuróticos, observamos normalmente que não é bem-sucedida a divisão do mundo em uma esfera, onde em uma parte se é impotente, e numa outra, onde se é poderoso. O neurótico sente o desejo por controle e poder em toda situação, inclusive onde sua prática é impossível. Para ele é insuportável ter um superior, ele tem sempre o sentimento de entender tudo melhor e fazer tudo melhor, ele quer fazer o papel dominante em toda conversa, dominar os outros em

toda a sociedade. A partir deste fortalecido desejo por controle e poder, surgem situações que para outras pessoas não são de modo algum provas de sua própria insuficiência, mas ele as sente como derrotas vergonhosas. Em casos extremos, que, no entanto, são frequentes, cada constelação em que ele não lidera e que ele não controla significa uma derrota e a prova de sua impotência. Chega-se a um círculo vicioso. O desejo fortalecido por controle e poder é ao mesmo tempo uma reação ao sentimento de impotência e a raiz de seu fortalecimento.

É verdade que o recalque do sentimento de impotência, como todos os outros recalques, remove o sentimento da consciência, mas isso não o impede de existir e de ter determinados efeitos. Mesmo que se dependa do seu tipo, de se o sentimento de impotência é consciente ou não, sua força é essencialmente condicionada apenas por sua intensidade.

A consequência mais importante e mais geral do sentimento de impotência é a raiva, mas uma raiva marcada pela sua impotência. Sua meta não é, como em outros tipos de raiva, a destruição ativa e consciente do seu inimigo, mas ela é muito mais vaga e indeterminada, e também é direcionada de modo muito mais destrutivo contra o mundo exterior e contra si próprio. Nas crianças, isso se expressa com frequência no espernear; nos adultos, no choro, mas também às vezes em um acesso de raiva, à qual falta toda orientação à meta e falta relação com a ação. De fato, a raiva impotente normalmente não é consciente. Ela é frequentemente expressa pelo comportamento inconformado e insolente, dito de outro modo, substituída por ele. Esta contrariedade pode ser bastante consciente. Aqui se

enquadram as pessoas que nunca conseguem se resignar a uma ordem, que precisam sempre contradizer, que nunca estão satisfeitas e assim por diante. Ela pode também ser inconsciente e, então, surge normalmente a figura de um constrangimento geral. Em tais casos, as pessoas em questão têm conscientemente as melhores vontades de ser ativas e de fazer o que os outros ou elas mesmas esperam de si próprias. No entanto, apesar de toda a sua boa vontade, elas são continuamente apáticas, mal-humoradas e incapazes de qualquer iniciativa. Se a raiva e a contrariedade não apenas fossem recalçadas da sua consciência, mas quebradas e retorcidas na raiz, então encontrasse frequentemente uma formação de reação que se expressa como super-amabilidade e uma super-submissividade.

A consequência da raiva é sempre angústia. Quanto mais a raiva é recalçada, maior é a angústia. Nós não podemos nos aprofundar agora nos complexos mecanismos que são responsáveis por isso. Como mais importante, gostaríamos de destacar a projeção da própria raiva no outro. Para assegurar o recalque da própria raiva, é criado o sentimento que pode ser expresso no mote: “Não sou eu quem está com raiva do outro, mas o outro é que está com raiva de mim”. A consequência disso é o sentimento de ser odiado ou perseguido pelo outro, e a consequência disso é angústia. Ao lado deste caminho indireto pelo recalque da raiva, a angústia é também alimentada diretamente pelo sentimento de impotência. O sentimento de não conseguir impor suas metas e, sobretudo, ser vulnerável a ataques do outro cria inevitavelmente sempre nova angústia. O sentimento de impotência produz angústia, a angústia, no

entanto, fortalece por si mesma ainda mais o sentimento de impotência. Este círculo é responsável por, em tantos casos, tornar um sentimento de impotência uma vez existente sempre mais intenso, em vez de fazê-lo desaparecer, e as pessoas, por assim dizer, a cada passo se afundam ainda mais neste pântano.

A situação psicanalítica oferece um campo de observação especialmente favorável do sentimento de impotência e das várias formas de seu encobrimento ou da sua tentativa de superação. Muitos analisandos deste tipo deixam claro várias e várias vezes que eles não podem mudar nada em si mesmos, porque eles são velhos demais, porque a neurose é hereditária em sua família, porque não têm tempo para levar a análise longe o bastante ou algo mais que pode ser encontrado sempre como racionalização. Ainda mais frequentes do que o sentimento aberto de impotência e o de falta de perspectivas no trabalho analítico são os casos de onde na consciência prevalecem certo otimismo e uma expectativa positiva. O analisando tem o sentimento de que ele quer e também pode mudar, mas quando se vê mais de perto, descobre-se que ele espera de tudo, mas não que ele próprio possa fazer algo para a mudança. Sua expectativa fundamental é a de que o analista ou “a análise” deva fazer o decisivo para ele, e de que ele fundamentalmente pode aguentar este procedimento passivamente. Sua efetiva descrença em qualquer mudança que seja é frequentemente encoberta pelas racionalizações consoladoras apresentadas acima. Ele espera que, de repente, quando ele conseguir detectar o “trauma infantil”, a grande transformação irá acontecer nele. Ou ele se prepara por um período de muitos anos e tem, depois

de cinco anos de uma análise malsucedida, o sentimento de que ele ainda não foi suficientemente analisado para poder mudar algo. Encontramos novamente também na situação analítica a encobertadora e sobrecompensadora atividade frenética. Tais analisandos são extremamente pontuais, leem toda a literatura acessível, fazem propaganda da análise para todos os amigos, fazem um ou outro arranjo na vida porque “é bom para a análise”, e, tudo isso, para esconder de si mesmos o fato de que eles não estão prontos para mudar nada nas questões fundamentais de sua personalidade, isto é, são incapazes para tal. Estreitamente ligado a isso está um comportamento no sentido do “gesto mágico”. Analisandos nos quais isto tem um grande papel são especialmente cuidadosos em “fazer tudo certo”. Eles obedecem às ordens do analista da maneira mais rigorosa e quanto mais regras e prescrições o analista faz, mais satisfeitos eles estão. Eles têm o sentimento de que, quando eles seguem fielmente o ritual analítico, esta obediência efetivará a mudança em sua personalidade.

É possível fazer aqui um pequeno excursão sobre um problema da técnica analítica. Se a suposição que expressamos no início estiver correta, a de que o sentimento de impotência, ainda que de uma forma atenuada, existe em muitas e muitas pessoas de nossa cultura, então é claro que ele pode ser encontrado nos próprios psicanalistas. Em tais casos, não apenas o paciente que está fundamentalmente convicto de que não pode mudar nada, mas também se passa o mesmo com o analista, embora seja uma convicção bastante inconsciente de que não pode influenciar nenhuma pessoa. Por trás de seu otimismo profissional

consciente se esconde uma profunda descrença na possibilidade de uma influência transformadora nas pessoas. Ele reluta em confessar diretamente que a terapia analítica seja uma influência das pessoas. É certo que eles não devem ser uma influência no sentido de promover no analisando determinadas visões ou ações. Mas é esquecido que toda cura, como também toda educação, pressupõe uma influência, e que, onde ela é evitada de uma maneira fóbica, também o sucesso necessariamente não é alcançado. Tem um papel especial em muitos analistas o encobrimento do próprio sentimento de impotência por gestos mágicos. É como se também para ele próprio, assim como para muitos pacientes, a implementação correta do ritual analítico fosse o ponto central de todo o procedimento. Se eles apenas seguirem fielmente todas as prescrições de Freud, eles querem dizer que fizeram de tudo o que era possível e sua efetiva impotência em influenciar os pacientes não precisa vir à consciência. Nós gostaríamos de supor que a peculiar importância que o cerimonial analítico tem para o analista deste tipo retorna, no fim, para o seu próprio sentimento de impotência. O cerimonial se torna um substituto mágico para a influência de fato nos pacientes.

Para se chegar ao surgimento do sentimento de impotência, depara-se com a dificuldade que sempre existe ao mostrar as condições de surgimento para um mecanismo psíquico. Nunca se trata de um simples condicionamento que pode indicar a “origem” do mecanismo em questão. Ao contrário, para compreender completamente as condições do surgimento do mecanismo psíquico do indivíduo, é preciso conhecer o

conjunto da constelação de condicionamentos externos sob os quais uma pessoa vive e a complicada dinâmica de sua estrutura de caráter que se desdobra como reação ao mundo exterior. A tentativa de uma apresentação dos princípios das condições de surgimento do sentimento de impotência, em especial o papel fundamental do masoquismo, iria muito além do quadro deste ensaio. De modo bastante geral, consideramos metodologicamente justificável descrever um mecanismo inconsciente e investigar as diferentes consequências deste mecanismo no sentido das racionalizações, reações de formação, e etc., sem, ao mesmo tempo, analisar todas estas tendências inconscientes dos fatores condicionantes. Enquanto elas são aprofundadas em outra ocasião, nós iremos nos limitar àquelas situações que condicionam de maneira imediata o sentimento de impotência, isto é, um fortalecimento já existente. Mas, mesmo com esta limitação, as condições de surgimento serão apenas delineadas e esboçadas.

Na descrição do sentimento de impotência e de seus fenômenos decorrentes, nós nos ativemos principalmente aos fenômenos neuróticos, porque eles oferecem uma figura mais compreensível do fenômeno aqui descrito do que os “normais”. Para a descrição das condições de surgimento, é mais apropriado nos atermos àquelas condições gerais existentes na sociedade burguesa, cujo aumento em casos isolados conduz às formas acima descritas de manifestação neuróticas do sentimento de impotência e cujo aparecimento médio podemos supor como uma condição para o sentimento normal de impotência no caráter burguês.

Temos de esperar que um sentimento tão profundamente subjacente e intenso como o de impotência não surja somente na vida adulta, mas que as experiências na primeira infância sejam importantes para o seu surgimento. Esta expectativa é rapidamente confirmada quando se examina a situação da criança na família burguesa sob os aspectos que aqui nos interessam. O comportamento dos adultos para com a criança na família pode ser caracterizado pelo fato de que, em última instância, a criança não é levada a sério. Este fato é evidente nos casos em que as crianças são abandonadas ou muito mal tratadas. Aqui, os pais têm a opinião bastante consciente de que a criança não conta. Eles querem reprimir a vontade e a personalidade própria da criança. A criança é para eles um instrumento de seu arbítrio sem vontade própria, e ela não pode de modo algum pedir algo. Em casos extremos, ela recebe um castigo quando ousa expressar um desejo. Mas também o fato de que, nesta constelação, ela própria pudesse ordenar algo, influenciar seus pais em suas decisões e alcançar qualquer coisa por si mesma sozinha, está bastante além de suas possibilidades de pensamento. Ainda mais difícil de compreender, mas não com menos consequências, é o não-levar-a-sério em relação às crianças que se esconde por trás do mimar e do paparicar. Estas crianças são de fato protegidas e cuidadas, mas o desdobramento de suas próprias forças, ou mais especificamente de seu sentimento para que tenha a sua própria força, é de alguma forma completamente paralisado. Elas recebem tudo o que precisam em abundância, elas também podem desejar tudo, podem dizer tudo o que quiserem. A situação delas, no entanto, se assemelha a de

um príncipe aprisionado. Este príncipe também tem todos os prazeres em abundância e muitos empregados a quem ele pode dar ordens. Mas tudo é irreal e ilusório, já que suas ordens só possuem valor na medida em que não destroem as barras da sua prisão. Todo o seu poder é uma ilusão que ele pode manter, na melhor das hipóteses, se ele não mais achar que é um prisioneiro e não mais desejar ganhar a liberdade. Ele até pode ordenar seus subordinados para que o sirvam ainda mais pontualmente; se o príncipe quiser, no entanto, demandar que abram a porta do castelo em que ele está preso, então os subordinados se comportariam como se ele não tivesse dito absolutamente nada. Seja em casos tão extremos do mimar, seja um caso corriqueiro da criança tratada “cheia de amor”, só se identifica uma diferença no grau do não-levar-a-sério. Em todos os casos é comum que a criança não ordene nada a partir de sua própria lei, não realize nada, não influencie nada e não transforme nada. Pode ser que, se ela for gentil e boazinha, ela receba muito daquilo que ela quer, mas ela não pode receber nada que não lhe foi dado, e ela não pode fazer nada sem que um adulto autorize.

Normalmente, este não-levar-a-sério não se expressa em formas dramáticas e que se pode notar à primeira vista. É preciso procurar nas propriedades mais sutis do comportamento dos adultos para entender a influência aqui visada. O riso leve e quase imperceptível quando a criança diz ou faz algo sozinha pode ter um efeito tão devastador quanto às tentativas mais grosseiras de interromper suas vontades. Certamente, onde os pais demonstram hostilidade, é mais frequente que a

criança desenvolva igualmente uma oposição que a permite se separar dos pais e começar uma vida autônoma, enquanto a amabilidade dos pais impede a criança de desdobrar toda oposição fundamental e só a faz mais desamparada e impotente. Não raro, encontra-se na análise o fato de que as pessoas se lembrem de qual raiva impotente tiveram quando criança, quando elas eram acompanhadas para ir à escola no tempo necessário, quando eram ajudadas a vestir a roupa, quando elas não podiam escolher qual tipo de roupa elas queriam vestir, quando era hora de vestir para o frio ou com roupas mais leves. Ainda em uma série de outros modos de comportamento típicos, o não-levar-a-sério das crianças se expressa. Promessas que são feitas às crianças não são mantidas, certas perguntas não são levadas a sério ou não são respondidas de maneira franca. Ordens são dadas sem que se diga o motivo à criança. Tudo isso pode acontecer da maneira mais amigável, mas permanece na criança o sentimento de que não se pode contar com ela e de que basicamente tudo contra ela é permitido. Mesmo em ocasiões em que as promessas são mantidas e as respostas dadas, mas em que os adultos têm o sentimento de que seu comportamento representa uma amabilidade ou gentileza especial, há a impressão de que a criança não é um outro. Então, ela se sente levada a sério somente quando o adulto se sente do mesmo modo obrigado a ser sincero e confiável para a criança, como é para outros adultos que ele respeita. Como símbolo dessa situação da criança, sempre nos surpreendeu um certo brinquedo, a saber, um telefone de brinquedo. Ele se parece como um telefone de verdade, a criança pode atendê-lo,

discar os números, mas não entrar em contato com ninguém. A criança não consegue falar com ninguém e, embora ela faça tudo igual aos adultos no telefone, sua ação permanece sem aquele efeito e sem aquela influência.²

Se os casos extremos do não-levar-a-sério das crianças se devem a circunstâncias individuais, a postura descrita tem suas raízes na constelação do todo social e da psique por ele determinada. O primeiro fator que pode ser citado é a forte separação da criança em relação à realidade da vida, uma separação que, sem dúvida, ocorre em menor medida para o proletário e a criança camponesa. A criança burguesa é preservada de estar em contato com a realidade; com isso, seu mundo ganha necessariamente um caráter ilusório e fantasmático. A criança é ensinada a desenvolver as virtudes da modéstia, da humildade e do amor ao próximo. Para a grande maioria das pessoas, é necessário que elas consigam se resignar ao fato de que elas têm de reduzir suas exigências de sua felicidade e encarnar, até certo grau, aquelas virtudes. Para o pequeno grupo no qual crescem os eficientes homens de negócios e todos os outros tipos bem-sucedidos, é permitido, no entanto, que essas regras não tenham valor. Eles devem ser ambiciosos e implacáveis se quiserem ter sucesso. Mas o segredo necessário para alcançar esse sucesso é: o filho da “elite” descobre no tempo certo que tem de esquecer tudo aquilo que é pregado para as crianças. Este descobrimento não é permitido para as grandes massas. Por isso, a maioria permanece confusa por

² Na teoria e prática pedagógicas modernas, existem as tentativas de fornecer à criança o sentimento de ser levado a sério por meio de uma série de medidas. A eficácia destas medidas não será discutida aqui.

toda a sua vida e não entende o que de fato acontece na vida social. Em muitos, a contradição entre o desejo de sucesso e o desejo de realização dos ideais que lhe foram ensinados na infância leva a distúrbios neuróticos. Para o comportamento do adulto em relação à criança, o resultado regular é o de que a criança não pode ser levada a sério, porque ela ainda é boba, isto é, não sabe nada sobre a regra do jogo da vida em que os adultos estão.

A criança não é levada a sério, assim como doentes e velhos não o são – apesar de toda ideologia que se opõe a isso. Na sociedade burguesa, o valor humano se baseia em sua capacidade de desempenho econômico. A medida de respeito que uma pessoa ostenta depende do grau de sua capacidade econômica. Pessoas que não apresentam nenhuma potência econômica são os últimos fins e também humanamente insignificantes. Se observarmos com mais cuidado o comportamento para com as pessoas velhas ou no trato dos doentes nos hospitais, então redescobre-se no modo de comportamento a mesma escala que existe em relação às crianças. Do brutal desprezo até a prontidão demasiadamente amigável, todas as escalas de sentimento são encontradas.

O não-levar-a-sério da criança é justificado com o seu desamparo biológico. De fato, a criança é relativamente mais desamparada e é ensinada pelos adultos. No entanto, este desamparo suscita nos adultos, de um lado, a tendência ao cavalheirismo ou à maternalidade, de outro lado, ainda mais a tendência de, consciente ou inconscientemente, desprezar ou humilhar a criança por conta deste desamparo. Estas tendências,

que podem ser qualificadas como sádicas, são, por sua vez, fundamentadas no papel do adulto no processo social. Quando está à mercê dos poderes sobre os quais não tem nenhum controle, ele desenvolve, então, tendências como a compensação desta impotência, para se sentir forte e superior aos que são mais fracos do que ele. Na grande maioria dos casos, o sadismo como tal é bastante inconsciente e se expressa apenas na tendência de enfatizar demasiadamente o desamparo biológico da criança, e naquele não-levar-a-sério da criança que está falando.

As condições para o sentimento de impotência da criança se repetem em um nível mais alto quando chega na sua vida adulta. De fato, falta aqui o momento do mencionado não-levar-a-sério. Ao contrário, é dito ao adulto que ele pode alcançar tudo o que quiser somente se efetivamente quiser e se esforçar, e ele é, do mesmo modo, responsável pelo seu sucesso tanto quanto pelo seu fracasso. A vida é apresentada a ele como um grande jogo no qual o que predomina antes de tudo na decisão não é o acaso, mas o seu próprio destino, a própria diligência e a própria energia. Estas ideologias se defrontam contra os comportamentos verdadeiros de modo brusco. O adulto médio de nossa sociedade é, de fato, assustadoramente impotente. E esta impotência opera com pressão ainda maior quando ele acredita ter feito algo que na verdade teria de estar de maneira totalmente diferente e é sua culpa se ele é tão fraco. Ele não tem nenhum poder para determinar o seu próprio destino. Mesmo que ele possa desenvolver alguma capacidade, ela está ditada pelo acaso do nascimento; se ele mesmo assim recebe trabalho, o emprego que ele pode escolher

é determinado essencialmente por fatores independentes de sua vontade e de seu esforço. Mesmo na liberdade da escolha de seu companheiro amoroso, ele é restrito pelos estreitos limites econômicos e sociais. Sentimentos, opiniões, gostos são martelados nele, e para cada diferença em relação a isso ele paga com um isolamento maior. A estatística pode mostrar a ele uma porcentagem tão pequena dos que começam com a ilusão de que o mundo está aberto para eles e também dos que alcançam certa independência e segurança econômica. O desemprego em massa e o perigo de guerra nos últimos anos aumentaram – ao menos na Europa – ainda mais a verdadeira impotência do indivíduo. Ele deve estar todo dia agradecido, porque ainda tem trabalho e porque ainda está distante do horror de uma nova guerra. Na configuração das relações econômicas e políticas, ele é totalmente impotente. Em Estados autoritários, levanta-se uma completa falta de possibilidade de apoiar um princípio consciente. Mas, também nas democracias, existe uma extraordinária discrepância entre a imaginação ideológica, que o membro individual da sociedade determina como parte do todo deste destino, e a distância que na realidade separa o indivíduo do centro do poder econômico e político.

A circunstância na qual o homem burguês não conhece os estímulos psíquicos que determinam o seu comportamento encontra seu equivalente no fato de que ele não conhece as forças que determinam o desenvolvimento econômico na economia regulada pelo mercado e que aparecem para ele como um poder imperscrutável do destino. Na presente sociedade, em contraste com outras formas econômicas, é necessária uma

ciência específica da economia política para compreender como funciona. É preciso um tipo bastante apropriado de psicanálise para compreender o funcionamento da personalidade individual, isto é, para compreender a si mesmo. O sentimento de impotência é extraordinariamente fortalecido tanto pelos complexos processos econômicos e políticos, quanto pelos processos psíquicos não transparentes. Embora ele acredite saber o que se passa, esta ilusão não muda em nada o fato de que falta a ele quase completamente a orientação a respeito das forças fundamentais que operam sobre a sociedade e sobre ele próprio. Ele vê centenas de particularidades, se apega em uma ou outra e tenta entender o todo a partir de uma delas, para ser mais uma vez confundido e surpreendido por novas particularidades. Uma vez que o primeiro condicionamento para a ação e influência ativas no próprio destino é o conhecimento correto das forças e constelações decisivas no destino da sociedade, a ignorância e a falta de conhecimento têm consequências que fazem dos indivíduos impotentes. E esta impotência é também registrada internamente por ele, mesmo quando ele se defende desesperadamente de registrá-las, com todas as ilusões possíveis. Não dispor de uma autêntica teoria social e psicológica na qual o indivíduo esteja em questão é uma fonte importante para o sentimento de impotência. A teoria é a condição para a ação. Mas a existência da teoria – e mesmo o fácil acesso a ela – não permite ainda às pessoas uma ação ativa sem mais. A situação europeia representa agora, de modo muito surpreendente, o quão fatalistamente as pessoas se resignam ao seu destino, embora milhões delas possuam, em princípio, uma teoria correta

dos processos sociais. O mesmo processo se mostra também frequentemente, quando o conhecimento teórico de processos psicológicos ajudam tão pouco a mudar as pessoas. Para as pessoas em que o sentimento de impotência opera, a teoria, basicamente, não tem nenhum interesse vital. Porque elas não têm expectativa de poder mudar algo, o conhecimento que descreve como algo poderia ser mudado é pálido e desimportante. Mesmo quando se o tem, o conhecimento permanece como um pensamento abstrato, um bem educacional, como datas históricas ou poesias que se aprendem na escola ou visões de mundo.

É possível descobrir na atitude psíquica das grandes massas e de seu líder, especialmente nos países vencidos na última guerra, uma sucessão temporal dos mecanismos de compensação acima descritos. Os primeiros anos após os acordos de paz foram caracterizados por uma extraordinária atividade política e social. Foram produzidas novas Constituições, novos símbolos, novas leis. Os líderes políticos, sobretudo, davam a impressão de uma atividade extrema. Eles explicavam como estavam trabalhando na prática, não em sonhos, mas que eles finalmente mudavam a realidade “arregaçando as mangas”. Muita coisa aconteceu, mas nada que abalasse os fundamentos, e, conseqüentemente, nada que representasse o começo de verdadeiras mudanças. “Arregaçar as mangas” e a dedicação do líder (na medida em que fosse sincera e não um mero pretexto e enganação) – e também, em certo grau, a atividade das massas – se mostraram como vazia atividade frenética, por trás da qual foram escondidas a carência de uma verdadeira atividade e o

sentimento de impotência no que diz respeito a verdadeiras transformações. A falta de resultados dos esforços logo levou a uma “crença no tempo”. Tinha-se o sentimento de que era possível explicar a ineficácia dos esforços, porque o tempo é muito curto para ter a expectativa do sucesso, e tinha-se um consolo, pois grandes transformações viriam somente com paciência e não sem precipitações. Paciência tornou-se um fetiche e impaciência uma grave acusação. No entanto, teve de ser reconhecido pouco a pouco que não apenas faltou o desenvolvimento na direção desejada, como também que ele se deu na direção contrária. O que tinha sido alcançado na primeira investida desapareceu de modo devagar e seguro. Para poder se manter firme na crença no tempo, o conhecimento sobre o que realmente aconteceu tinha que ser recalcado. Então, aparece em seu lugar cada vez mais a crença no milagre. Havia dúvidas de que o esforço humano poderia mesmo mudar algo, e esperava-se tudo de um líder “predestinado” e de “quaisquer mudanças” no comportamento. Abriu-se mão em seguida para saber o que se queria mudar e como era possível mudar, mas acreditava-se que algum tipo de reviravolta, mesmo que não concordando em nada com o seu conteúdo, seria melhor do que nada, pois ao menos havia a possibilidade de realizar aquilo em que o esforço próprio tinha fracassado. Esta esperança por uma reviravolta, de qualquer que seja o seu tipo, foi o solo fértil para o crescimento das ideologias que levaram à vitória do estado autoritário.

A sequência temporal esboçada acima certamente não é rigorosa e se refere apenas à ênfase que as diferentes formas de

mecanismos compensadores tinham naquela época. Até um certo grau, todos os mecanismos são encontrados simultaneamente. A crença no tempo pode ser observada³ ainda na primeira fase depois do colapso, e muitos, sobretudo os líderes derrotados, não desistiram desta crença mesmo depois da vitória da ideologia autoritária. Por outro lado, a crença no milagre já existia desde o começo, mas essencialmente em uma camada social determinada, a pequena-burguesia. Por conta de uma série de circunstâncias, sobretudo a crescente perda de poder econômico da pequena-burguesia, o sentimento de impotência nesta camada foi ao seu ponto mais alto. Nos primeiros anos depois da guerra, esperava-se o milagre do retorno da monarquia e das velhas bandeiras, e, depois, o do retorno dos “líderes” e de “uma” sublevação. É certo que, em determinadas partes da população, dominou a verdadeira atividade e não a crença no milagre ou no tempo. Isto ocorre tanto com as partes mais avançadas do operariado, quanto, em outro sentido mais limitado, com as mais poderosas e mais avançadas, no sentido econômico, partes do empresariado – embora os seus objetivos sejam opostos.

Se o período pós-guerra é caracterizado pelo crescimento do sentimento de impotência, levanta-se uma nova objeção. Os representantes das ideologias autoritárias não demonstraram uma grande quantidade de atividade e de sentimento de potência? Eles não rearranjaram com tenacidade e energia as

³ No que diz respeito a isso, é bastante característica uma solução divulgada em 1918 na Alemanha, que era visível na imprensa e em cartazes, mais do que qualquer outra: “o socialismo está em marcha”. Nesta formulação, as pessoas são eliminadas como objetos ativos e agentes dos acontecimentos políticos, “o” socialismo é feito de objeto e é dito dele que se encontra em marcha. Aparece aqui a nuance da incalculabilidade do processo a ser expresso.

relações políticas e humanas? Visto de modo superficial, esta objeção parece ser forte e leva à conclusão de que as classes e os indivíduos que foram os portadores dos movimentos vitoriosos – sobretudo a pequena-burguesia – superaram o sentimento de impotência que habita dentro deles. No entanto, se olharmos mais de perto, vê-se que a atividade que eles desdobram hoje é muito condicionada. Guerra, sofrimento e pobreza são vistos como fatores dados e inalteráveis da convivência humana, e toda tentativa de abalar estes fundamentos é considerada como burrice ou mentira. O comportamento em relação a fatores sociais e econômicos fundamentais vincula-se de modo indissolúvel com o sentimento de total dependência. Estes poderes do destino podem ser racionalizados de modo realista como “lei da natureza” ou como “coerção dos fatos”, filosoficamente como “a força do passado popular”, religiosamente como “a vontade de deus”, ou moralmente como “dever” – permanece sempre uma violência maior, externa aos homens, que acaba com a sua própria atividade, e somente a cega submissão é possível. O desamparo do indivíduo é o tema fundamental da filosofia autoritária.

Tradução: Paulo Yamawake

Revisão: Divino Amaral

“Zum Gefühl der Ohnmacht” de Erich Fromm foi publicado pela primeira vez em 1937, na revista *“Zeitschrift für Sozial-forschung”*, seus direitos são propriedade de Copyright © 1937 by Erich Fromm; copyright © 2017 by the Estate of Erich Fromm, Tuebingen, Germany.